

MOSTRA DE ARTE CONTEMPORÂNEA REUNIU OBRAS DE GRANDES ARTISTAS

«DIVERSIDADES» ENCANTOU O PÚBLICO

A EXPOSIÇÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA «DIVERSIDADES» VOLTOU AO CENTRO DE CULTURA E CONGRESSOS DA SECÇÃO REGIONAL DO NORTE DA ORDEM DOS MÉDICOS. DOIS ANOS APÓS A PRIMEIRA EDIÇÃO, A MOSTRA REUNIU ARTISTAS CONSAGRADOS, MAS TAMBÉM REVELAÇÕES, APROXIMANDO PINTORES, ESCULTORES, FOTÓGRAFOS E DESIGNERS DE JÓIAS. UMA GRANDE EXPOSIÇÃO QUE JÁ CONTA COM A MARCA DO SUCESSO.

nortemédico Texto **Patrícia Gonçalves** • Fotografia **António Pinto**



Uma “diversidade ao alcance de todos”. As palavras da galerista Vera Lúcia poderiam servir para resumir, numa frase, todo o conceito da grande mostra de Arte Contemporânea que esteve patente no Centro de Cultura e Congres-

sos da Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos, durante o mês de Novembro. Quase meio milhar de obras, cerca de uma centena de artistas, nomes consagrados como Mário Cesariny, Júlio Resende, José de Guimarães, Vieira da Silva ou Armanda Passos, e novas revelações que são, certamente, de seguir com atenção.

Depois do êxito da primeira edição, realizada há dois anos, a Exposição «Diversidades» procurou, novamente, “dar um testemunho da actividade criativa dos nossos dias, de modo a contemplar uma grande variedade de propostas e processos de representação plástica”, explicou Vera Lúcia, organizadora do evento, a par do escultor Rogério Abreu que acrescenta: “É muito importante continuar a divulgar a arte. Este tipo de iniciativas culturais assume, exactamente, esse papel”.

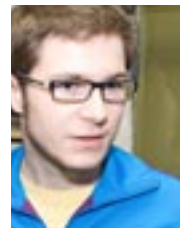
A par da diversidade das obras, a mostra foi ainda feliz no que toca às formas de expressão de arte, abrangendo não só a pintura e a escultura, como a joalharia e, este ano, a fotografia. Por isso, enfatizou Vera Lúcia, “não sendo exaustiva relativamente a qualquer programa, esta colectiva consegue aproximar propostas de pintores, escultores, desenhadores, fotógrafos, aquarelistas e designers de jóias de diferentes gerações”. O observador de arte, analisa por seu turno Miguel Guimarães, do Conselho Regional do Norte e promotor do evento, “agradece e retém a imagem do valor acrescido que significa poder comparar visões diferentes de uma mesma realidade ou realidades diversas”.

NOVIDADES

A grande exposição de Arte Contemporânea foi «construída» muito à semelhança da primeira edição, embora com algumas preocupações diferentes. Como explicou Rogério Abreu, houve a atenção em incluir na mostra “alguns valores que estão, nesta altura, a começar a trabalhar num patamar internacional ao mais alto nível”, como é o caso do pintor alemão Klauss Zylla ou o jovem espanhol Rodrigo



Gross. Exactamente estes dois nomes, juntamente com António Eiras, Coque Bayón, Hélder Pereira, Mário Nunes e Rogério Abreu fizeram parte do leque de artistas “convidados” que tiveram a possibilidade de expor mais obras durante a exposição. A ideia, apontou Rogério Abreu, “foi colocar o trabalho destes artistas no hall de entrada do Centro de Cultura e Congressos, permitindo que o público pudesse ter uma ideia mais abrangente dos seus trabalhos”. Outra das novidades deste ano foi a inclusão da fotografia na mostra. Uma aposta que se justifica pelo facto de ser uma técnica “já muito inserida no mercado da arte”, mas também uma forma de “motivar as pessoas a criar”. “Quem sabe se daqui a algum tempo estes artistas crescem enquanto profissionais e nos orgulham”, augura Rogério Abreu.



há um longo caminho a percorrer. “Este gosto pela fotografia nasceu há dois anos, quando fiz uma viagem e comecei a fotografar, de uma forma compulsiva, os locais por onde ia passando”, recorda. O resultado final acabou por agradar e, desde então, a curiosidade sobre esta arte intensificou-se. Actualmente a frequentar o segundo ano do Curso de Fotografia da Escola Superior Artística do Porto, Ricardo Almeida acredita que o futuro vai passar, obrigatoriamente, pelas imagens que vai capturar. Aos 22 anos, assume o fascínio sobre os lugares que não conhece e, por isso, escolhe a fotografia de viagem como o seu punctum, exactamente o tema das obras que levou à mostra no Centro de Cultura e Congressos.

MÉDICO, PINTOR RECONHECIDO

António Eiras já é conhecido no meio artístico pelo “trabalho que qualidade notável ao nível da aguarela”, nas palavras de Rogério Abreu. Foi um dos artistas convidados de «Diversidades», repto que aceitou sem hesitar, ainda para mais sendo médico do Sul e tendo a oportunidade de expor no Centro de Cultura e Congressos da SRNOM. Conciliar os dois amores não tem sido difícil, segundo nos garante, apesar de ter optado por não fazer a especialidade de cardiologia. “Acabei por interromper, porque sabia que se acabasse, muito provavelmente seria cardiologista o resto da vida”. Assim, hoje em dia, os dias da semana são repartidos: três dedicados

A SEGUNDA EXPOSIÇÃO

Ricardo Almeida foi exactamente um dos jovens artistas que participou na «Diversidades» com fotografia, naquela que foi a sua segunda exposição como participante. A paixão por esta arte, como contou à Nortemédico, é recente e, por isso, ainda



ao exercício da medicina, dois à pintura. “A medicina dá-me aquele prazer egoísta de chegar a um diagnóstico e poder ajudar. A pintura dá-me o prazer de criar”, descreve. É com a aguarela que António Eiras se identifica, porque é a técnica que, afinal de contas, “me serve para pintar o que quero e da maneira como quero”. As paisagens alentejanas, primeiro local por onde exerceu a medicina e onde começou a pintar, são quase a sua imagem de marca, onde predominam os

tons planos e as superfícies ao mesmo tempo leves, mas carregadas de cor. Mas outros temas o seduzem, como o corpo feminino que, numa técnica mista com o acrílico, também esteve representado em «Diversidades».

Hoje, António Eiras não consegue viver sem a medicina e sem a pintura, não se preocupando sequer em optar. Pelo contrário, gosta de aproveitar os momentos que, por coincidência, o levam a casa do doente e a reencontrar a sua criação. “Já me aconteceu ir ver doentes e encontrar quadros meus em casa deles. É, de facto, uma emoção muito forte”, confessa.



O SURREALISMO DE MÁRIO NUNES

É repetente na grande mostra de Arte Contemporânea, mas a exposição deste ano foi aproveitada por Mário Nunes para apresentar os últimos trabalhos que se encontra a desenvolver e que abordam uma expressão muito pouco utilizada na escultura em Portugal: o surrealismo. “Normalmente – assinala –, não há muito surrealismo ligado à escultura e eu tenho andado a avançar nessa área”. Não é, por isso, de estranhar a inspiração que foi buscar ao mestre do surrealismo, Salvador Dali, de quem é confesso “fã incondicional”. Aliás, acentua, uma das obras patentes na exposição foi, exactamente, dedicada ao mestre: uma escultura com desenho de um olho, com as lágrimas viradas para cima. “As fórmulas que mais me seduzem são as formas do dia-a-dia, mas olhadas de outra maneira, pois só assim se tem outra sensibilidade para a própria vida”, explica Mário Nunes, para justificar a sua paixão pelo surrealismo.

JÓIAS COMO FORMA DE ARTE

Bruno Prekatado é um jovem artista português, designer de jóias, que descontextualiza elementos do seu ambiente natural, reintegrando-os na sua arte e na sua vida diária. As suas obras ilustram o poder criativo: os contornos definidos, muitos pormenores e muita técnica, carregados de ironia, ao subverter as características da joalheria tradicional em algo único e inovador.

Em «Diversidades» apresentou a sua mais recente colecção que se baseia no conceito da “jóia escultura”. “A pessoa pode usar a jóia, neste caso um alfinete, mas quando chega a casa pode colocá-lo num expositor, servindo como obra de arte”, descreve.

Um novo desafio, depois de confessar a ainda pouca divulgação deste tipo de trabalho em Portugal. “Virei-me mais para este tipo de trabalho porque, inicialmente, fazia peças de joalheria muito grandes que não estavam a ser bem aceites pelas pessoas”, esclarece Bruno Prekatado. Para breve fica prometido um novo projecto, a partir das novas tecnologias, designadamente “a partir de chips de computador”. Um ponto de partida, refere, “para desenvolver peças como alfinetes e anéis”. ■